



JOGOS TRADICIONAIS E AS TRANSFORMAÇÕES NO CAMPO: CONTEXTO DA COLONIZAÇÃO ITALIANA NO RS¹

Elizara Carolina Marin
Fernanda Stein

RESUMO

O estudo objetiva compreender as relações entre os tempos e espaços para os jogos tradicionais e as transformações ocorridas no campo, no contexto da colonização italiana no RS. Realizamos pesquisa de campo e documental, lançando mão de entrevistas em profundidade. Identificamos que na medida em que há transformação do campo, os espaços e tempos para os jogos tradicionais também modificam.

PALAVRAS-CHAVE: Jogo Tradicional; Tempo e Espaço; Campo.

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa tem como tema os jogos tradicionais, entendidos como manifestação da cultura que os seres humanos produziram e produzem no processo histórico de interação com a natureza na busca de suprir as necessidades materiais e imateriais. São tradicionais pois há muito tempo estão presentes na cultura de um grupo e assumem características a partir do contexto e das relações sociais ali estabelecidas.

De acordo com Marin e Ribas (2013), em estudos sobre os jogos tradicionais de diferentes grupos sociais que compõem o estado do Rio Grande do Sul (RS), foi possível identificar que existe grande número e diversidade dessas manifestações. No grupo social italiano, expressivo no RS, existem espaços específicos para a produção e reprodução dos jogos tradicionais, denominados Sociedades. Mazo (2007; 2012) utiliza o termo Associações Esportivas.

As Sociedades constituíram-se como espaço e tempo onde a população compartilhava propósitos, costumes e preocupações em comum, e tiveram papel fundamental na reconstrução social e cultural dos imigrantes. Além disso, foram palco para manifestações de diversão como jogos, bailes, jantares, dentre outras. Estas entidades caracterizam-se como espaço institucionalizado, sem fins lucrativos e congregam registro como pessoa jurídica,

¹ Este estudo contou com o apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.



regulamentos e estatutos internos. Embora sem aprofundarem suas análises nesses espaços, Marin e Ribas (2013) identificaram que as Sociedades se transformaram ao longo do processo histórico.

Além disso, com a influência da conjuntura atual pautada na sociedade capitalista neoliberal e nos modos de acumulação flexível, há a transformação do campo. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2006), dos 496 municípios que compõem o RS, 333 possuem menos de 10 mil habitantes, dentre eles, o município de São João do Polêsine, localizado na Região Central, foco desse estudo, o que reforça a necessidade de investir em pesquisa para compreender tais mutações (inclusive no campo do esporte e do lazer).

Como patrimônio cultural da humanidade, o jogo tradicional precisa ser conhecido, preservado, transmitido, recriado e garantido, cabendo as Instituições Científicas, as Instituições de Gestão Pública, entre outras, a produção de pesquisas.

Diante do exposto, nosso estudo tem o intuito de compreender relações entre os tempos e espaços para os jogos tradicionais e as transformações ocorridas no campo, no contexto da colonização italiana no RS.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a consecução do estudo, realizamos pesquisa de campo e documental (CELLARD, 2010), lançando mão de entrevistas em profundidade (DUARTE, 2006). Para a interpretação dos dados, utilizamos análise de conteúdo (FRANCO, 2005).

A pesquisa abarcou Sociedades do município de São João do Polêsine, localizado na Região Central do RS, há 45 km de Santa Maria. Integra a Quarta Colônia de Imigração Italiana no Estado. Segundo dados do censo de 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), conta com uma população de 2.635 habitantes, caracterizado como região rural, com base de subsistência na agricultura. São João do Polêsine foi escolhido por expressar fortes marcas culturais da colonização italiana e pela proximidade com a Universidade Federal de Santa Maria (cerca de 40 km), viabilizando as viagens a campo.

Para a seleção das Sociedades, utilizamos os seguintes critérios: os jogos tradicionais estarem presentes no rol de suas manifestações desde sua fundação até atualmente; expressividade na região em que está localizada; existir a longo período de tempo (mais de 40



anos). Assim, selecionamos a Sociedade Agrícola, Cultural e Esportiva Polesinense (SACE Polesinense) e a Sociedade Agrícola, Cultural e Esportiva Vale Vêneto (SACE Vale Vêneto).

As idas a campo deram-se nos meses de novembro de 2012, fevereiro de 2013 e entre julho e outubro de 2013.

Em virtude da diversidade de documentos arquivados nessas instituições, priorizamos: Ata de fundação; Livros de Atas (6 livros pertencentes à SACE Vale Vêneto e 5 à SACE Polesinense); Estatutos; correspondências trocadas entre as SACEs e órgãos dos governos municipal, estadual e federal.

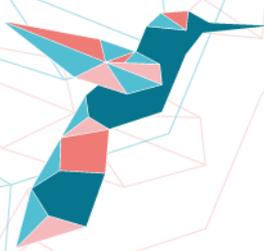
Em relação às entrevistas, foram mediadas por um roteiro flexível. Os entrevistados foram sujeitos envolvidos com as Sociedades e os jogos tradicionais e que vivenciaram as modificações desses tempos e espaços no processo histórico. Ao todo foram doze entrevistados (nove homens e três mulheres), com idade entre 48 e 93 anos. Para que o sigilo de privacidade fosse mantido, substituímos seus nomes originais por fictícios.

JOGO TRADICIONAL COMO MANIFESTAÇÃO CULTURAL

Para entendermos a configuração histórica e atual dos espaços e tempos para os jogos tradicionais no contexto da colonização italiana no RS e suas relações com as transformações ocorridas no campo, é necessário compreendermos algumas mudanças de espaços e tempos que a sociedade capitalista traz em seu bojo.

Toda concepção de tempo e espaço está revestida de contradições que existem na sociedade da qual faz parte. As práticas temporais e espaciais nunca são neutras e não mudam isoladamente (HARVEY, 2002). Juntamente com elas, sendo reflexo e modificando-as, existe a transição na cultura, que aceita e resiste à mudança econômica, “pois não existe desenvolvimento econômico que não seja ao mesmo tempo desenvolvimento ou mudança de uma cultura” (THOMPSON, 1998, p. 304).

No modo de produção capitalista, vemos uma apropriação privada do espaço, como terras, fábricas, máquinas, meios de produção. Essa situação leva os trabalhadores, que não detêm estes meios, a venderem sua própria força de trabalho em troca de um valor em dinheiro. Esse valor é medido, dentre outros elementos, pelo tempo de trabalho despendido para a produção de um produto. Ou seja, o tempo passa a valer dinheiro. É a partir do entendimento de que, no modo de produção capitalista, dinheiro não tem sentido independente do tempo e do espaço, que Harvey (2002) afirma existir sempre a possibilidade



de alterar os modos de uso e a definição de tempo e de espaço para buscar mais lucro e que, para alterá-los, o domínio sobre os mesmos é imprescindível.

Segundo Leontiev (1978), todos nascemos dentro de um mundo de objetos, dentro de uma cultura já produzida pelas gerações passadas, que estão incorporados de conhecimentos produzidos, de sentidos e significados atribuídos a eles. Assim, a transformação dos tempos e espaços nos quais a cultura é produzida modifica suas manifestações, assim como as manifestações podem modificar seus espaços e tempos.

Dessa maneira, entendemos o jogo tradicional como manifestação cultural que surge com a interação entre os seres humanos e com a natureza, na busca de suprir suas necessidades sociais, culturais, materiais e econômicas. Ele faz parte da cultura e por isso traz características da sociedade onde é produzido, carregando consigo conhecimentos desenvolvidos ao longo de gerações, e ao mesmo tempo características das condições matérias do momento histórico em que é praticado. Por ser tradicional, manifesta o passado reconfigurado às condições presentes.

Bruhns (1996, p. 28), em estudos sobre diferentes perspectivas acerca do jogo, afirma que

Os jogos devem ser compreendidos e analisados na cultura da qual fazem parte, pois por si mesmos, nada dizem. Somente numa cultura, enquanto parte dela, passam a ter sentido, como também essa cultura somente pode ser entendida dentro de sua realidade social e da história dessa sociedade.

Parlebas (2001) esclarece algumas características do jogo tradicional como: uma manifestação ligada à tradição de determinada cultura; regido por regras flexíveis adaptadas aos interesses de quem joga; acontecer a partir de organização local ou regional, não dependendo de instâncias oficiais como federações; e não depender de processos econômicos para acontecer, embora seja influenciado por eles.

Os jogos tradicionais estão relacionados com o que a vida cotidiana exige dos seres humanos. Embora não tenham apenas relação com o trabalho rural, essa característica é destacada por alguns estudiosos. Mollena (2006), pesquisando os jogos tradicionais na Cantábria, afirma que muitos deles surgiram dos costumes de pastoreio, pecuário, pescador, de exploração de madeira, principalmente associados a elementos da natureza. Essa relação também é discutida por pesquisadores brasileiros. Marin *et al* (2012, p. 83), em estudos feitos sobre os jogos tradicionais no RS, analisam alguns deles realizados em festividades das regiões de imigração alemã e destacam que

As manifestações desenvolvidas nessas festividades resgatam e ressignificam os costumes dos imigrantes que colonizaram a região. Provas como Ensacar Milho, Serrar a Tora, Corrida do Tamanco, Pegar o Porco, entre outras, expressam em forma de jogo e diversão o cotidiano até hoje vivido pelos descendentes alemães que se mantiveram na região. Nestas manifestações, o jogo expressa o trabalho e o trabalho é reconfigurado em jogo.

Na busca da compreensão sobre as condições de produção e reprodução dos jogos tradicionais, das mudanças de seus espaços e tempos em uma dada singularidade dinâmica abarcada por esse estudo, apresentamos nossa próxima seção.

JOGO TRADICIONAL NO CONTEXTO DA COLONIZAÇÃO ITALIANA NO RS

A colonização italiana no estado RS, conforme Costa *et al* (1986), iniciou na metade do século XIX. São João do Polêsine recebeu seus primeiros imigrantes em 1883 (DALMOLIN, 2006). A Itália desse período passava por conflitos e revoluções em prol de sua unificação nacional. Além disso, o forte desenvolvimento do capitalismo industrial acelerou o crescimento urbanizado. Houve aumento populacional na Europa e empobrecimento de camponeses e artesãos, deixando milhares de desempregados. O governo italiano, ao se deparar com problemas sociais e econômicos, passou a incentivar a emigração, na tentativa de redução do desemprego e controle populacional.

Segundo Saquet (2002), a colonização italiana no Rio Grande do Sul deu-se com a expansão do modo de produção capitalista. O autor explica que com o fim do regime escravocrata, aconteceu o processo de expansão do modo de produção capitalista, por meio de forças e pressões inglesas que queriam conquistar mercado consumidor para suas manufaturas. Em contrapartida, existia a exportação de produtos agrícolas brasileiros, provindos dos grandes latifúndios, para o exterior. Havia, então, a necessidade de pessoas que produzissem para o consumo local e também que comprassem as manufaturas europeias. No caso do RS, o principal objetivo da imigração italiana era a povoação das terras e a formação da pequena propriedade que abasteceria o mercado interno.

Nesse sentido, Saquet (2002) esclarece que a Colônia Silveira Martins (região onde está localizado atualmente o município de São João do Polêsine) consolidou-se com o trabalho familiar, em que os trabalhadores são donos dos instrumentos e meios de produção. Não há caracteristicamente o trabalho assalariado, pois quem trabalha é o dono da própria terra. Além da produção para a própria subsistência, há venda do excedente em troca de



dinheiro, necessário para a compra de outros produtos, como por exemplo, produtos industrializados. A produção da vida pautada no trabalho familiar faz parte da sociedade capitalista, inclusive é pelo mecanismo de preços diferenciados praticado no mercado que os produtores familiares são subordinados e explorados.

Ao constituírem diferentes colônias no sul do Brasil, algumas dificuldades surgiram a estes imigrantes, principalmente no que tange à localização das colônias, por serem regiões ainda desabitadas e de relevo montanhoso; à infraestrutura disponibilizada; e ao desamparo do Governo Imperial. É nesse contexto que o trabalho comunitário ganhou força e possibilitou a superação desses obstáculos. Tornou-se comum o encontro entre famílias para auxiliarem umas as outras na organização da lavoura, na construção de casas e no cultivo de hábitos, costumes, crenças e manifestações que os identificavam como grupo (COSTA *et al.*, 1986), entre elas, estavam os jogos tradicionais. Desses encontros, surgiu o associativismo.

O associativismo, explicam Mazo e Gaya (2006), é expressão da consciência coletiva dos imigrantes nas colônias do RS e constituiu-se como estratégia para a preservação da identidade do grupo, tornando-se o espaço para a produção e reprodução de suas tradições. Schuch (2008), no estudo que realiza sobre Sociedades em municípios de colonização alemã, salienta sua importância por exercerem papel decisivo no processo de integração e defesa, especialmente nos aspectos recreativos, esportivos e culturais.

Entre o tempo do labor nos dias de semana, a devoção a Deus concretizando-se com as missas dos sábados ou domingos, estava o tempo do encontro entre famílias e vizinhos. Estes três aspectos da vida caminhavam juntos, conexos nas relações que eram estabelecidas.

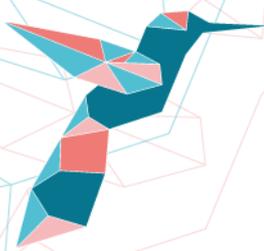
Dentre os jogos praticados pelos sujeitos da pesquisa, identificamos os jogos de baralho (cinquillo, três sete, bisca, canastra e truco)², bocha³ e carreira de cancha reta⁴.

Após algumas décadas após imigrantes estabelecerem-se em São João do Polêsine, suprimindo suas primeiras demandas de sobrevivência, surgiu a necessidade de um espaço

² Para descrição, regras, funcionamento e pontuação desses jogos, consultar a obra “Jogo Tradicional e Cultura”, de Marin e Ribas (2013).

³ O jogo consiste em arremessar a bocha (bola feita de resina sintética) o mais próximo possível do balim (bola menor também feita de resina sintética) e afastar as bochas pertencentes ao opositor (MARIN, RIBAS, 2013).

⁴ A carreira de cancha reta é um jogo de corrida de cavalos, onde dois ou mais animais são dispostos em uma cancha e, ao dar a largada, correm determinada distância. Antes da corrida, há um sistema de apostas nos cavalos.



comum onde pudessem cultivar suas manifestações que os identificavam como grupo. Renato, sujeito da pesquisa, argumenta sobre a necessidade de existência de um espaço e tempo comum para a população e as gerações seguintes de Vale Vêneto, para além das festividades da Igreja e das missas nos finais de semana:

O objetivo era de reunir mais as famílias em torno de jogos, em torno de encontros... Porque primeiro iam pra missa e iam pras casas. Não tinham um ambiente em comum. Com isso ali, a gente conseguiu... O pessoal sai da missa e se reúne tudo ali... Jogam baralho, bocha. (RENATO, 70 anos, Vale Vêneto, 13-08-2013)

Assim, em meados de 1960, com a forma de organização pautada no associativismo, surgem as primeiras Sociedades organizadas institucionalmente em São João do Polêsine. A SACE Polesinense tem seus primeiros registros datados em 1962. Já a SACE Vale Vêneto data 1965.

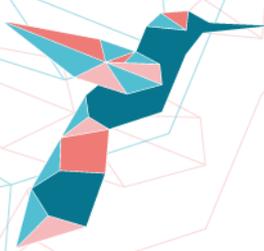
Identificamos que, em ambas as Sociedades, o trabalho coletivo e voluntário foi imprescindível para suas consolidações, destacando-se nas falas o empenho para a construção das sedes oficiais e para sua manutenção. A forma de organização do trabalho em mutirão, ou seja, o auxílio mútuo que se prestavam os agricultores por um dia ou mais, expressou-se nas Sociedades. Os dias que cada membro trabalhava em prol das construções e reformas das mesmas eram gratuitos, listados como “dias de trabalho doado”.

Naquele tempo quando tinha uma doença de um cara e não podia trabalhar, dava um grito e todo mundo vinha ajudar. Então, se avisava que domingo, se estava de folga, tal hora era pra ir lá... acumulava até 50, 60 pessoas. Quem com arado de boi, quem com foice, quem com machado, quem com enxada... Todo mundo trabalhava... até escurecer... e saíam de lá cantando... caminhando e cantando. Era uma alegria que se tinha! (EMILIO, 91 anos, Vale Vêneto, 14-08-2013).

A partir das falas, podemos inferir que o sentido do trabalho nas obras da comunidade não estava relacionado à venda da mão-de-obra, mas motivado pela necessidade individual e coletiva da existência de hospitais, escolas, postos de saúde e locais de encontro de toda a comunidade, como as Sociedades. Como afirma Duarte (2004), existe sentido porque há identificação entre as necessidades de quem age e os fins da atividade, mediatizado pela consciência das relações entre os fins e o motivo ou os motivos.

Nos Estatutos de 1965, os mesmos que vigoram atualmente, as finalidades da SACE Vale Vêneto ficaram dispostas em Agrícola, Cultural e Esportiva.

Agrícola no sentido de dar assistência para associados e pequenos agricultores não associados, com produtos agrícolas, mudas, sementes, adubos e de incentivar a vinda de técnicos para ajudar nas lavouras. Essa finalidade pode ser constatada também no caderno de registro de compra e distribuição de sacas de sementes e adubos feitas pela SACE para os



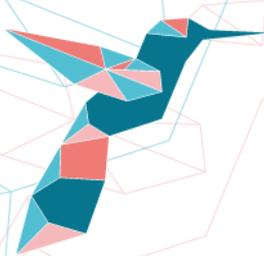
seus membros, bem como em atas de reuniões que deliberavam a vinda de agentes para o ensino de técnicas nas atividades agrícolas e pecuárias. Segundo Francesco, a ênfase na finalidade agrícola deu-se nos primeiros anos da entidade, para suprir a necessidade dos trabalhadores de implementação de novas técnicas no trabalho. Posteriormente essa função passou às cooperativas agrícolas da região, conta o entrevistado: *“Seguido nós fazia palestras sobre técnicas para a agricultura. E era aberto para todos. Mas os tempos mudam, porque hoje tem a Emater que supre esta necessidade, tem as cooperativas”*. Segundo Saquet (2002), após 1960, houve a expansão do modo capitalista de produção nas unidades rurais do RS, principalmente por meio de mecanismos tecnológicos, industriais e financeiros mediados pelo cooperativismo empresarial. O autor explica que existe aí a subordinação e exploração do pequeno produtor agrícola desde o momento em que esse se associa à cooperativa, pois recebe pouco por seus produtos vendidos e em contrapartida vê o aumento exagerado nos preços dos insumos.

Cultural, pois contempla o desenvolvimento de manifestações culturais da população, como a realização de bailes e outras reuniões festivas, promoção de conferências sobre assuntos sociais de interesse da comunidade. As atas explicitam o desenvolvimento dessas atividades desde a fundação até a atualidade.

E, esportiva, porque a Sociedade consolidou-se como sede para a prática de “todos os jogos e esportes permitidos em lei, como bochas, ping-pong, voleibol, futebol, ‘handebol’, etc” perdurando na atualidade. (VALE VÊNETO, Estatutos, Art. 5º, p. 9, 1965).

De acordo com os entrevistados, tempo e espaço privilegiados para o jogo tradicional aconteciam no decorrer do ano, com menor intensidade no período das colheitas, quando todos estavam atarefados e sobrecarregados com a lida na lavoura. O tempo do trabalho no campo marca também o tempo do jogo. Os dias de chuva, o tempo necessário para o amadurecimento das plantações, o descanso dos bois para mais uma tarde de arado na lavoura, todos estes momentos eram o convite para dar vida ao baralho na gaveta e às bochas na caixa de madeira.

Também nesse período, grande parte das famílias tinha cavalos. O animal, indispensável à labuta na lavoura, era utilizado como meio de transporte, como instrumento de trabalho no campo e, nos domingo de carreira, era a atração das famílias que se reuniam em torno das canchas, todos com seus cavalos, anunciando suas apostas e contando com a



sorte do palpite do dia. De acordo com Pereira, Mazo e Lyra (2010), as corridas de cavalo faziam parte do divertimento da população predominantemente rural no RS.

Pereira, Mazo e Lyra (2010), a partir de seus estudos sobre as corridas de cavalo em cancha reta em Porto Alegre, salientam que a maioria dos criadores de cavalos eram militares, médicos, conselheiros industriais, integrando a elite ligada à vida rural do estado. Essa elite ganhava destaque nas carreiras de cancha reta e incentivavam a modernização das pistas para as corridas. As autoras salientam que a modernização das corridas de cavalo levou à sua transformação em hipódromos e à prática do turfe, uma das principais práticas esportivas no início do século XX em Porto Alegre. Em contrapartida houve a extinção de muitos espaços destinados às carreiras de cancha reta, fato também observado em nossa pesquisa.

Com a iniciativa da Sociedade de modernização das carreiras, houve esvaziamento da comunidade de São João do Polêsine, pertencente à classe trabalhadora, e a apropriação do espaço pela elite rural da região. Os entrevistados relatam as dificuldades encontradas pela própria Sociedade em manter o espaço, visto que era necessário o dispêndio de grandes montantes de dinheiro para a manutenção do local, agora modernizado. As corridas de cancha reta na hípica perduraram até final da década de 1970. Destaca a Ata nº 182, de 03 de janeiro de 1979, da SACE Vale Vêneto: “[...] fica afastada a possibilidade de fazer carreiras, devido ao trabalho que daria em preparar os trilhos”. Já a Ata nº 222, de 13 de agosto de 1981, assinala a demolição de duas cocheiras⁵ e a utilização do material para a cobertura do ginásio poliesportivo, que estava sendo construído no período, bem como a venda das restantes.

ESPAÇOS E TEMPOS PARA OS JOGOS TRADICIONAIS E AS TRANSFORMAÇÕES NO CAMPO

Ambas as SACEs continuam sendo espaços para a prática de jogos tradicionais. Entretanto, os relatos expressam que o número de jogadores nas entidades diminuiu. Na SACE Vale Vêneto, continuam jogando bocha e baralho aos finais de semana, após a missa. Já na SACE Polesinense os jogos de baralhos são frequentes no decorrer de toda a semana, porém a cancha de bocha raramente é ocupada com jogos entre amigos e membros da entidade, com exceções de campeonatos entre as empresas do município, denominados “campeonatos de firmas”.

⁵ Local para guardar os cavalos. Sinônimo de estábulo, estrebaria.



Identificamos, a partir das falas dos entrevistados, vários elementos que contribuíram para que a prática de jogos tradicionais nessas Sociedades diminuísse.

Renato indica o declínio das Sociedades em toda a região da Quarta Colônia: *“Todos os clubes estão apanhando, não é só aqui em Vale Vêneto, é em quase toda a parte. Tu vê ali em Polêsine, ali também os sócios vão se retirando... Vai morrendo... Os novos não dão muita importância... Em Faxinal também é assim... por tudo é assim”*.

Nove entrevistados chamaram a atenção para o fato dos jovens não participarem das SACEs e tampouco jogarem bocha ou baralho. Um dos motivos expressos nos relatos é o interesse dos mesmos por outras formas de diversão, como os esportes e os jogos eletrônicos. Outro ponto é a transformação das famílias, que antigamente contavam com número maior de filhos.

Outro elemento importante é o êxodo rural, emergido em todos os relatos como um dos principais motivos do declínio das Sociedades e da redução dos jovens. Antônio, Acácia e Pietro explicam que antigamente os filhos permaneciam com os pais, muitas vezes compartilhando da mesma casa, auxiliando na lavoura para posteriormente substituí-los e dar prosseguimento à vida no campo. Atualmente, diante das dificuldades de manterem-se no campo, eles saem em busca de estudos e na tentativa de inserirem-se no mundo de trabalho.

Martins (1991) ajuda-nos a compreender esse movimento em sua análise sobre o cerco do capital na propriedade familiar no sul do Brasil, afirmando que cada vez mais o trabalho do colono está submetido ao capital industrial e ao capital financeiro de bancos a partir de empréstimos para manterem a qualidade de sua produção. Entretanto as altas taxas de juros, as despesas para manter a propriedade de terra e de seus meios agrícolas de produção são cada vez maiores e não correspondem com o lucro que têm em suas pequenas propriedades. O autor explica que embora o preço dos alimentos nas cidades seja alto, ele é baixo para os agricultores, pois mais de 50% do preço dos produtos agrícolas ficam com os intermediários. Torna-se difícil a manutenção do pequeno agricultor em sua propriedade família (MARTINS, 1991, p. 91).

Para Bosi (2003), a condição imposta hoje de extrema mobilidade, em virtude da busca por empregos e melhores condições de vida, faz com que percamos o vínculo com nossa cidade, lar e gerações anteriores de nossa família. Identificamos que este desenraizamento reflete na continuidade dos jogos tradicionais pelas gerações seguintes.



Araújo e Rodrigues (2006) também chamam a atenção para as mudanças ocorridas com a industrialização e os processos migratórios das zonas rurais para as zonas urbanas, diminuindo a população daquela, o que contribuiu para que muitos jogos tradicionais praticados em zonas rurais entrassem em declínio ou fossem substituídos por outras manifestações. Nesse sentido, Maschio e Ribas (2011) concluem que as condições de vida da população, modificadas pela industrialização e urbanização, fazem com que os jogos tradicionais desvinculem-se dos seus sentidos atrelados às colheitas, às festas e à religião. Muitos, nesse processo, transformam-se em esportes, outros entram em fase de regressão ou de extinção.

Estas transformações ocorridas no campo, a substituição do trabalho braçal pelas máquinas, mudou a configuração e acelerou o tempo de trabalho das pessoas. Nesse sentido, há redução do tempo para a diversão e para os jogos. Renato sente essa mudança e conta como o tempo do trabalho transformou o tempo que existia para o jogo.

Até de semana... a gente trabalhava com os bois e não tinha o trator, a máquina que deixou as pessoas escravas... Trabalham a qualquer hora, tem o ar condicionado, tanto faz almoçar e ir trabalhar porque é sempre o mesmo calor. Naquela época, com os bois, não. Os bois andam às 4 horas da tarde, porque antes era quente. De meio dia almoçavam e iam tudo lá pra cancha, até às 4 horas da tarde... Dando risada... Depois iam capinar, iam trabalhar com os bois que era mais fresquinho... Aí então era um dos pontos que conservava, né. Hoje não tem mais isso, hoje o maquinário deixou o homem escravo. [...] Então, acho que isso que apagou o lazer, apagou a conversa, o diálogo com as pessoas, o ambiente (RENATO, 70 anos, Vale Vêneto, 13-08-2013).

O aumento da produtividade, a aceleração do tempo é explicada pela necessidade de sobrevivência do homem no campo. A desvalorização dos preços dos produtos, em contraste com o aumento do custo de vida, não dá opção para os trabalhadores. Ocorre o aumento e a aceleração do tempo de trabalho ou abandono do campo para outras regiões.

Uma vez plantava três hectares, quatro ou cinco e colhia 100 sacas de arroz, 100 sacas de soja e se vivia. Hoje não, hoje se é uma família com número bastante de filhos, se não colher duas ou três mil sacas, não se vive. A despesa é muita. Tem luz, tem rádio, tem TV, tem telefone... e tudo isso aí hoje custa, né. Então deixa a pessoa escrava, não tem mais tempo. O tempo é rápido. (RENATO, 70 anos, Vale Vêneto, 13-08-2013)

O aumento da carga de trabalho influencia também no tempo para trabalho voluntário, necessário para a manutenção da SACE. Rosa alerta que atualmente as pessoas não vão às Sociedades porque a mesma *“funciona assim: tu tem que trabalhar de graça, sabe? E hoje*



em dia não é mais fácil trabalhar de graça, cada um tem seus compromissos. Então o mundo tá desse jeito”.

Renato chama a atenção para a apatia da população em relação aos trabalhos voluntários e acenam que atualmente sem remuneração pelo trabalho, poucos estão dispostos em auxiliar na manutenção da Sociedade, enfatizando o caráter individualista que os seres humanos desenvolveram em detrimento dos interesses e necessidades coletivas.

Eu sempre disse que a Sociedade não é nós que vivemos dela, é ela que vive de nós. O clube vive da gente, não é a gente que vive do clube. Como é que vai se manter se o cara não participa, não ajuda? Então, este é o trabalho que não tá sendo mais feito e que antes a gente fazia. [...] Hoje o povo tá assim... é individualismo... Então, isto é uma coisa que tira a união. Individualismo e união é o contrário. (RENATO, 70 anos, Vale Vêneto, 13-08-2013).

Duarte (2004) ajuda-nos a compreender essa transformação por meio de sua análise sobre a dissociação entre significado e sentido das ações humanas, que na sociedade capitalista atingem proporções destrutivas. O autor explica que na sociedade capitalista, as objetivações do trabalho humano tornam-se mercadorias e que a própria força de trabalho é uma mercadoria. O trabalho humano passa a ter o sentido de obtenção de salário ao final do mês. Não é o valor de uso do que foi produzido que confere sentido à ação, o sentido é dado por seu valor de troca. Para Duarte (2004, p. 57), “a atividade produtiva na sociedade capitalista é essencialmente movida pela lógica econômica de reprodução do capital. É isso que determina o sentido dessa atividade” e que transforma o trabalho em algo estranho e externo ao sujeito, ou seja, em trabalho alienado.

Para a população, o trabalho voluntário perde o sentido de suprir suas necessidades materiais, como a de constituir e manter as Sociedades como espaço e tempo de divertimento, e ganha o sentido de mercadoria, susceptível à obtenção de dinheiro. Não é o valor de uso do que foi produzido que confere sentido ao trabalho; o sentido é dado pelo seu valor de troca. Em contrapartida, as Sociedades, que se consolidaram com o trabalho voluntário, enfrentam dificuldades diante da exigência de remuneração do trabalho para sua manutenção.

Apesar da ressignificações das Sociedades, elas ainda constituem-se como espaço e tempo para os jogos tradicionais. Entretanto, com as transformações dessas entidades, identificamos o retorno da vivência dessas manifestações a outros locais, como nas residências das famílias e nos bares do município, também denominados bolichos.

Portanto, podemos inferir que embora as Sociedades constituam-se como espaço e tempo para os jogos tradicionais, elas perdem expressão na atualidade. Os bolichos e as



famílias, reconfigurados às condições atuais, são a nova e também antiga opção para a vivência dessas manifestações que resistem e se conformam no processo histórico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As transformações nos sentidos atribuídos ao trabalho transformam também as Sociedades e os jogos tradicionais abarcados por estas. Nas primeiras décadas dessas entidades, o trabalho voluntário tinha o sentido de suprir a necessidade de consolidação de espaço e tempo para diferentes manifestações culturais. Atualmente, ele está intimamente relacionado ao sentido do capital, à venda da mão de obra em troca de dinheiro. Aliado a isto, encontramos as dificuldades da população manter-se no campo, acarretando a partida dos mais jovens em busca de trabalho e melhores condições de vida e a não continuidade dos mesmos nas Sociedades. Aos que permanecem no campo, resta negociar com a lógica de produção e aceleração do tempo e, conseqüentemente, com o aumento da rotina de trabalho e a redução do tempo destinado aos jogos tradicionais. Porém, desconsiderar toda a práxis das manifestações culturais tradicionais e apenas fazer alusões pessimistas sobre a sua condição atua traz consigo grandes equívocos.

As mudanças dos espaços e tempos geraram também mudanças nos sentidos atribuídos aos jogos tradicionais. Entre conformações e resistências, há o retorno aos bolichos e às famílias, na busca de diversão, encontro e produção das relações de amizade. Os espaços, tempos e sentidos que foram condição para a constituição das Sociedades, reivindicam retorno.

Traditional Games and the Changes in the Field: Context of Italian Colonization in RS

ABSTRACT

The study aims to understand the relationship between time and space for traditional games and the changes occurred in the field, in the context of Italian colonization in RS. We conducted a field and documental research, making use of in-depth interviews. We found that the extent there is changes in the field, spaces and times for the traditional games also modify.

KEYWORDS: *Traditional Game; Time and Space; Field.*

Juegos Tradicionales y Cambios en el Campo: Contexto de la Colonización Italiana en el RS

RESUMEN



El estudio tiene como objetivo comprender la relación entre el tiempo y el espacio para los juegos tradicionales y los cambios que se producen en el campo, en el contexto de la colonización italiana en el RS. Hemos llevado a cabo investigaciones de campo y documental, haciendo uso de las entrevistas en profundidad. Hemos identificado que la medida en que hay cambios en el campo, los espacios y los tiempos para los juegos tradicionales también cambian.

PALABRAS CLAVES: *Juego Tradicional; Tiempo y Espacio; Campo.*

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, P. C.; RODRIGUES, M. D. M. *Jogo do Beto do Conselho da Lousã: uma expressão singular portuguesa*. Lousã: Tipografia Lousanense, 2006.

BRUHNS, H. Turini. O jogo nas diferentes perspectivas teóricas. *Motrivivência*, Florianópolis, ano VIII, n. 9, p. 27-33, dez. 1996.

BOSI, E. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CELLARD, A. A análise documental. In.: POUPART, J. *et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Tradução de Ana Cristina Nasser. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 295-316

COSTA, R. *et al. Imigração italiana no Rio Grande do Sul: vida, costumes e tradições*. Porto Alegre: EST, 1986.

DALMOLIN, R. *Polêsine Antigo: histórias, causos e poesias*. Santa Maria: Home Artes Gráficas Ltda, 2006.

DUARTE, J. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (org.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006. p. 62-82

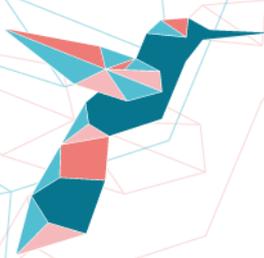
DUARTE, N. Formação do indivíduo, consciência e alienação: o ser humano na psicologia de A. N. Leontiev. *Cad. Cedes*, Campinas, v. 24, n. 62, p. 44-63, abr. 2004.

FRANCO, M. L. P. B. *Análise de Conteúdo*. 2. ed. Brasília: Liber Livro, 2005.

HARVEY, D. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Cidades*. Brasília, 2013. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br>>. Acesso em: 01 mar. 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *PERFIL dos municípios Brasileiros: Esporte 2003*. Rio de Janeiro: IBGE, 2006.



LEONTIEV, A. *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Horizonte, 1978.

MARIN, E. C. *et al.* Jogos tradicionais no Estado do Rio Grande do Sul: manifestação pulsante e silenciada. *Movimento*, Porto Alegre, v. 18, n. 03, p. 73-94, jul./set. 2012.

MARIN, E. C.; RIBAS, J. F. M. (orgs.). *Jogo Tradicionais e Cultura*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

MARTINS, J. S. *Expropriação e violência: a questão política no campo*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1991.

MASCHIO, V.; RIBAS, J. F. M. O jogo enquanto conteúdo escolar na abordagem crítico-superadora. *EFDeportes*, Buenos Aires, ano 16, n. 157, jun. 2011.

MAZO, J. Z. A nacionalização das associações esportivas em Porto Alegre (1937-1945). *Movimento*, Porto Alegre, v. 13, n. 3, p. 43-63, set./dez. 2007.

MAZO, J. Z. *Associações Esportivas no Rio Grande do Sul: lugares e memórias*. Novo Hamburgo: Universidade FEEVALE, 2012.

MAZO, J. Z.; GAYA, A. As associações desportivas em Porto Alegre, Brasil: espaço de representação da identidade cultural teuto-brasileira. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, Porto (Portugal), v. 6, n. 2, p. 205-2013, mai. 2006.

MOLLENA, F. T. Los Juegos y Deportes Tradicionales en Cantabria. In.: LAVEGA BURGUEÉS, P. (ed.). *Juegos Tradicionales y Sociedad en Europa: La cultura europea a la luz de los juegos y deportes tradicionales*. Barcelona: Imprenta Grafic Car, 2006. p. 97-112

PARLEBAS, P. *Juegos, Deporte y Sociedad: Léxico de Praxiología Motriz*. Barcelona: Paidotribo, 2001.

PEREIRA, E. L.; MAZO, J. Z.; LYRA, V. B. Corridas de cavalo em cancha reta em Porto Alegre (1852/1877): uma prática cultural-esportiva sul-rio-grandense. *Revista da Educação Física/UEM*, Maringá, v. 21, n. 4, p. 655-666, 4. Trim. 2010.

SAQUET, M. A. *Colonização italiana e agricultura familiar*. Porto Alegre: EST, 2002.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. Tradução: Rosaura Eicheberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.